

Entrevista com Denise Maurano, realizada no dia 09 de julho de 2021

**A presente entrevista foi promovida pelo grupo
do Movimento Articulação junto ao CEPdePA¹**

Margarida Ribeiro Lima² - Quem é Denise Maurano? O que te levou a entrar no movimento Articulação e como tu pensas esse movimento?

Denise Maurano - Quem eu sou? Eu sou psicanalista, trabalhadora desse nosso grande ofício há muitos anos. Minha formação primeira é em psicologia. Depois fiz mestrado e doutorado em filosofia aqui no Brasil e na França e depois fiz pós-doutorado em literatura e em psicanálise. Em literatura aqui no Brasil e em psicanálise na França. Eu estou no Movimento Articulação desde o ano 2000, porque eu sempre fiquei bastante preocupada com a situação da psicanálise no sentido da letra da lei, dado que essa nossa posição, absolutamente diferente dos outros campos, nos coloca numa exigência de agregação. Se não nos agregarmos para mantermos essa nossa diferença, fica praticamente impossível de a gente sustentar esse lugar, que é o lugar da psicanálise. Então, na época, eu soube que ia haver uma reunião no

1 O grupo contou com a ajuda da colega Claudia Formoso para a edição da presente entrevista.

2 Todas as questões aqui elaboradas foram formuladas conjuntamente pelo Grupo do Movimento Articulação junto ao CEPdePA, composto por Guilherme Ambros, Gustavo Soares, Margarida Viñas Ribeiro Lima, Mônica Pogliã Leal, Rosita Esteves e Valéria Quadros. Além deste grupo, esteve presente também, nessa entrevista, a Diretora da Biblioteca e Publicações, Rosana Nora.

Hotel Glória para se discutir a ameaça que já estava em andamento, que era do Eber Silva, um deputado da bancada evangélica, que estava propondo a regulamentação da psicanálise nos seguintes termos: você fazia 10 horas de análise, lia umas apostilas que passavam por uns textos bíblicos e outros bichos e aí, então, você se formava psicanalista. Era essa a proposta do Eber Silva na época. Eu fiquei bastante preocupada com isso e fui a essa reunião junto com o Marco Antonio Coutinho Jorge. Essa reunião tinha sido proposta pelo Conselho Federal de Medicina, pelo Conselho de Psicologia, pela Febrapsi (IPA), estava todo mundo no impacto dessa proposição. Aí então foi quando o Movimento começou, ou seja, escolas, as mais díspares possível, pensaram que era o momento de juntar forças para nós nos defendermos dessa onda religiosa que, com a força da bancada evangélica, ameaçava cada vez mais certos campos profissionais e certos ofícios. E a psicanálise era e é até hoje muito visada por eles, pensada por eles como um belo nicho de mercado no qual eles queriam entrar.

Antes disso, a psicanálise já tinha sofrido algumas outras incursões, mas é engraçado porque, na grande maioria das vezes, tinham sido propostas do âmbito médico, no sentido de restringir, de submeter o atendimento analítico à indicação médica. Eu lembro que, ainda na época de estudante, fui a alguma dessas reuniões, uma foi em Botafogo, no antigo colégio Santa Rosa - eu acho que era Santa Rosa. Mas alguma coisa desse peso aconteceu nesse ano de 2000 e possibilitou essa coisa inusitada que é a junção de muitas Escolas das mais diferentes orientações. Eu acho que isso é algo que a gente tem que valorizar muito, porque diz da peculiaridade da nossa cultura, já que isso não aconteceu em outros lugares, favorecendo para que, em muitos outros lugares, a regulamentação tenha sido conseguida.

Margarida Ribeiro Lima - Quais são os efeitos nesses outros lugares? Que implicações teve a regulamentação nesses lugares? Quais são os riscos de regulamentar a psicanálise no Brasil?

Denise Maurano - Olha, o risco primeiro é burocratizar uma prática que tem o seu fundamento em um modo de trabalho que prima pelo rigor, e não pela burocratização. Isso significa que o trajeto que nós percorremos e que pode vir, ou não, a culminar no surgimento de um analista não é um trajeto que seja passível de ser assegurado por uma sequência de passos burocráticos: você tem que estudar isso, você tem que fazer x horas de análise, x horas de supervisão. Não é isso que vai fazer o surgimento de um analista. O surgimento de um analista vai ser efeito, sobretudo, da própria análise desse sujeito, e ela não é passível de ser regulamentada. Isso porque alguém pode frequentar, por anos, o consultório de um psicanalista e a análise não prosperar, às vezes nem começar. A gente sabe que recebe muitas pessoas que levam um tempo para efetivamente se implicarem e entrar no processo, desse modo não há certificado possível que possa ser dado nesse sentido.

O surgimento de um analista depende tão intrinsecamente desse tratamento pessoal do próprio sujeito, do próprio candidato a analista, e nesse percurso tanta coisa pode acontecer, inclusive o dito candidato pode até desistir, perceber que aquilo não é a sua praia, que não tem como um procedimento burocrático assegurar esse tipo de coisa. Então uma coisa é essa dimensão tão singular que vai possibilitar, ou não, que alguém seja tomado por esse estranho desejo, chamado por Lacan de “desejo do psicanalista”. “Estranho desejo” porque é um desejo de se emprestar como objeto para uma investigação que vai ganhar curso ali. Então, é um desejo que surge, de certa maneira, pela própria abolição do sujeito que você é. Você tem que fazer um certo trajeto para, efetivamente, se dispor a pendurar o seu eu na sala de espera e se emprestar como objeto de investigação daquele sujeito que está ali na sua frente e que vai se haver com quais são os caminhos e descaminhos do desejo que o conduz. Mas para isso você vai ter que se abster como sujeito. Esse eu, ou o sujeito que você é, vai ter que se emprestar a essa função. Então, nesse sentido, eu costumo dizer que

o psicanalista não existe nessa formatação universal. Existe um psicanalista, cada um de nós é um psicanalista engajado nesse trajeto que é fruto de um percurso muito singular.

Tudo isso já nos coloca numa perspectiva que, como Freud alertou no texto da Psicanálise leiga, não vai ser passível de ser autorizada propriamente por nenhum pré-requisito de graduação, nenhum pré-requisito profissional, nesses termos, de medicina, de psicologia. A única coisa que ele sempre coloca em voga é a necessidade de cultura geral. Eu costumo dizer que um psicanalista é um investigador por natureza. E, nessa perspectiva, um investigador que quer saber de tudo, que não se detém em um certo domínio. A gente quer saber de tudo, a gente tem esse desejo de saber.

Bom, essa é uma vertente dessa resposta, e a outra vertente seria o que isso causou mundo afora. Essa tem várias respostas, em cada lugar causou coisas diferentes. Mas em todos os lugares onde foi regulamentada houve prejuízo para a psicanálise. A situação da Áustria, onde tudo é regulamentado, é sofrível. Houve na Itália, inclusive, prisões de psicanalistas e um prejuízo muito grande, uma vez que eles estipularam que, depois da faculdade de psicologia ou medicina, as pessoas tinham que fazer um curso de psicoterapia, que é o que estão querendo fazer aqui agora. Esse curso de psicoterapia é um curso de psicoterapia geral, ou seja, seria quase que uma outra faculdade, um outro curso de graduação no qual o sujeito teria que aprender *gestalt*, cognitivismo, psicanálise e por aí afora. As Escolas de psicanálise ficaram esvaziadas, ficaram só com os velhos analistas, e esse frescor do pessoal que sai da universidade e que procura uma Escola de formação, que é o que faz o movimento e a vida da Escola de formação, saiu de cena. Os analistas leigos foram perseguidos, porque lá a lei foi aplicada de forma retroativa. Então, se você, por exemplo, veio do campo da sociologia e fez sua formação de analista e estava atuando, quando a lei chegou você perdeu o direito de atuar como psicanalista. Na Itália, até hoje é muito problemático. Eu soube, inclusive, embora

não tenha essa confirmação, que grandes Escolas de psicanálise compraram cursos de psicoterapia para tentar acolher um certo número de estudantes e tentar driblar de alguma forma essa lei, mas esse é um trajeto mais complicado ainda.

Na França, conseguiu-se um certo acordo de cavalheiros, ou seja, a psicoterapia foi regulamentada, mas a psicanálise ficou de fora, com a condição de que as Escolas atualizassem junto ao Estado os nomes de todos os psicanalistas pertencentes àquela Escola. Isso foi cumprido por algumas Escolas, não foi cumprido por outras, de todo modo, esse movimento das psicoterapias se manteve. Eles estão vivendo lá uma crise gravíssima porque, com a influência da psiquiatria organicista, há uma pressão para que só se aceitem as psicoterapias com fundamento científico, perspectiva retrógrada e tacanha que se apoia nas estatísticas, que se apoia nessa modalidade de fazer ciência que tira de cena todos os trabalhos qualitativos. Nessa perspectiva, a psicanálise vai pro ralo também. Os psicanalistas lá, que na época da regulamentação das psicoterapias não se reuniam, agora estão se reunindo para fazer face a esse projeto de lei que está em curso e que, depois de ter regulamentado a psicoterapia, agora vai buscar dizer qual é a psicoterapia que vale. Entenderam o risco?

A gente sabe que há muitos psicólogos favoráveis à privatização da psicoterapia, mas eles não estão se dando conta de que favorecer essa privatização é favorecer a entrada do Estado numa seara extremamente delicada. É abrir portas a uma intervenção que a gente não tem a menor necessidade que aconteça, tanto os psicólogos quanto, mais ainda, os psicanalistas. Mas essa consciência não está clara. No afã da defesa do mercado frente ao *coaching*, ao terapeuta da “x-p-t-o”, que vai entrar no meu ramo da psicoterapia, o psicólogo vai dizer que é a favor da privatização para proteger o seu mercado, sem se dar conta de que esse sujeito não vai dizer que faz psicoterapia, vai dizer que faz *coaching* ou “x-p-t-o”, ou que faz terapia “xyz”, saindo do foco de fiscalização da psicoterapia, ao mesmo tempo em que as psicoterapias ficam

vulneráveis às intervenções do estado ao sabor do mercado. Então, é um momento muito perigoso que a gente está vivendo, nesse sentido. Só por esses exemplos a gente já percebe o dano, o prejuízo.

Margarida Ribeiro Lima – Acho que tu já falas um pouco sobre isso... Alguns defendem que a regulação da psicanálise seria uma saída viável no Brasil. Como tu vê isso? Que impactos teria a regulação para a psicanálise e para as instituições psicanalíticas?

Denise Maurano – Uma vez discutimos a delicadeza da diferença entre regulamentação e regulação. Em último termo, não há uma grande diferença entre uma coisa e outra. O que se passa é o seguinte: quando se defende a regulação, o que se pensa é que, se vai vir uma norma de fora, é melhor que nós mesmos a façamos, para essa norma causar o menor dano possível. Pode ser que isso tenha que acontecer em algum momento. Mas eu acho que nós não chegamos a esse momento, e qualquer movimento nessa direção favorece que isso aconteça. Eu acho que a gente tem que apostar - a gente vem investindo nisso há 21 anos - que a gente vai poder continuar funcionando dessa maneira, que tem problemas, sem dúvidas. Eu me incomodo de volta e meia receber *e-mails* e ver estampadas em publicidade as coisas mais estapafúrdias, do tipo “psicanálise e cabelo: faça a sua cabeça”: um cabeleireiro que se oferece para, na hora que você está fazendo o cabelo, ser seu psicanalista (risos). Isso e outras milhares de coisas do tipo “seja psicanalista com 6 meses de curso”, “apostilas não sei o quê”, “mude a sua vida” etc. Tudo isso é extremamente incômodo, revoltante; por outro lado, o fato de a gente colocar isso dentro de um escopo programático burocrático não vai minorar o dano, muito pelo contrário, vai legitimá-lo. Então, em relação a todos esses que, por terem feito os cursos tal, na faculdade tal, viraram psicanalistas, a gente vai estar certificando-os por um viés que não é aquele dos trâmites da efetiva existência da psicanálise. Porque o que faz a existência da

psicanálise são os efeitos da análise de um analista sobre o seu desejo, que o colocou nesse movimento de transmitir essa experiência que ele teve na sua própria análise para outras pessoas. Esse tipo de coisa não é regulamentável, e certificar isso via esse escopo de procedimentos é como legitimar uma prática indevida. Daí a conclusão de que é melhor a gente viver nessa areia movediça do que dar ao sujeito a falsa ilusão de que nesse campo ele está assegurado.

O Movimento Articulação é tão velho que, no início, uma das coisas pelas quais eu batalhava era que tínhamos que ter uma assessoria de imprensa para falar para o grande público sobre o que é psicanálise. Tudo isso é muito difícil de fazer, mas tem coisas que a gente pode alertar, por exemplo, se a pessoa está sugerindo demais, dando conselhos, desconfie que ali não tem um psicanalista. Seria importante algo que possibilitasse uma ampliação do acesso ao saber psicanalítico, para que as pessoas tivessem mais instrumentos para elas avaliarem.

Hoje em dia, eu digo que a questão da assessoria de imprensa é retrógrada porque, com as redes sociais – a pandemia mostrou isso pra gente –, está tudo aí, com a maior força. E me parece que não está tão difícil assim você distinguir o joio do trigo, ou seja, o trabalho de um analista bem fundamentado, implicado nesse trajeto, investido nessa transmissão, do trabalho de um oportunista que queira se dar bem em cima dos outros, que não tenha compromisso efetivo com a psicanálise, que não tenha reconhecimento de seus pares. Porque, no final das contas, a falta da regulamentação da psicanálise nos coloca numa pressão de rigor absoluta. No nosso campo, essa questão do reconhecimento, a construção de um nome, isso tudo é muito sério. E todos nós estamos engajados nisso. Daí a necessidade de a gente mostrar a nossa cara, dizer a que veio, de a gente publicar, enfim, encontrar meios de mostrar nosso trabalho, de dar a cara a tapa. Sobretudo agora, com a regulação que as redes sociais acabam por promover, aí mesmo que a gente tem um cenário favorável para que não se precise desse tipo de coisa que seria a regulação.

Margarida Ribeiro Lima – Por que ficam proliferando essas tentativas, esses projetos de lei? Que interesses são subjacentes a isso?

Denise Maurano – Ah, uma bancada, a bancada evangélica. Porque todos esses projetos de lei, afora o Ato Médico, de 2013, onde foi feita uma nova investida para que os psicanalistas ficassem subservientes aos médicos, afora isso, e isso não passou, quer dizer, o Ato Médico passou, mas foram vetados todos os itens que submetiam o trabalho psicanalítico ou o trabalho psicoterápico à indicação do médico, todas as outras PLs, todos os outros projetos de lei, partiram de políticos da Bancada Evangélica. A gente sabe que a Bancada Evangélica vem crescendo de uma maneira espantosa no nosso país, haja vista a nossa situação política atual. Quem elegeu o atual presidente, a gente sabe bem, é essa relação do Estado com a religião, no caso a religião evangélica, que favoreceu esse tipo de coisa.

O projeto do Eber Silva era da Bancada Evangélica. Os dois projetos que estão em curso atualmente são do Telmário Mota (também da Bancada Evangélica): tanto a PL tentando regulamentar as terapias naturistas e colocando a psicanálise no meio quanto a PL tentando regulamentar a psicanálise, PL 101. Então, tem uma pressão nesse sentido. A única coisa que pode explicar isso é que, pelo viés da regulamentação, eles teriam um caminho mais fácil pro acesso a esse mercado que na verdade é regulado de uma maneira muito mais sofisticada e muito mais rigorosa, que é essa maneira que a gente regula, na qual as Escolas se reconhecem e juntas buscam uma representação perante o Estado. E o Movimento Articulação favoreceu muito isso porque, inclusive, Escolas que não conversavam entre si e com vertentes de trabalho díspares de lacanianos, não lacanianos, Febrapsi (IPA), enfim, esses campos que não conversavam entre si passaram a conversar e, mais do que isso, passaram a se reconhecer. Essa rede construída e em permanente construção, que o Movimento Articulação criou, foi favorecendo esse diálogo. E aí, não à toa, nós conseguimos qualquer

acordo no Movimento não é brincadeira (risos). Você diz “a”, mas o seu “a” está tendendo a “b”, e na verdade ele deveria ser “delta”, e na verdade ... sei lá. (risos). Enfim, discutimos vírgulas o tempo todo, e não só vírgulas. Discutimos temas importantíssimos. Mas a gente consegue, apesar de tudo, certos acordos fundamentais, e um deles foi esse, esse acordo de que efetivamente não vai trazer benefício para a psicanálise a sua regulamentação ou a sua regulação.

Interessante que, no início, tinha inclusive uma proposta da Febrapsi (IPA) de regulação. Eu lembro de uma das reuniões nossas. Lá no Movimento, a gente vinha se reunindo duas, três vezes no ano, em momentos mais quentes, até mais vezes. Houve um momento em que o representante da Febrapsi (IPA) na época apresentou um projeto de regulação e na hora ele percebeu que ia ter todo o tipo de resistência. Mas, ao longo do tempo, houve aquilo que a gente chama de uma certa transferência de trabalho. Hoje, é como se, de alguma maneira, para cada um de nós, o Movimento Articulação fosse uma formação suplementar, (risos) pelo menos eu sinto assim, onde nós somos confrontados todo o tempo com a possibilidade da contradição, a possibilidade de aquilo ser outra coisa.

Valéria Quadros – Acho que não há uma desistência quanto à regulação, por parte da IPA. O Amendoeira [Wilson, presidente da Febrapsi na fundação do Movimento] deixou isso claro desde a fundação. E nós vivemos agora em 2019 uma nova investida nesse sentido. Acho que depende, talvez, das presidências da Febrapsi. Teve um Jornal da Febrapsi que foi praticamente todo com artigos a favor da regulação. Há a ideia de que já existiria esse órgão regulador, que seria o próprio Movimento.

Denise Maurano - E aonde, nesse caso, a Febrapsi (IPA), pela força do número de participantes que ela tem, se coloca como a pró-

pria fonte da proposta da regulação. Mas, dentro do Movimento Articulação, os representantes da Febrapsi (IPA) sofrem a pressão do Movimento para levarem para a Febrapsi (IPA) uma outra perspectiva. E aí é o que você falou, tudo depende da habilidade, do convencimento, da perspectiva que a presidência da Febrapsi (IPA) tem e da força que o representante no Movimento Articulação tem junto aos seus colegas. Isso que você está trazendo foi levado para uma das reuniões e foi objeto de muita discussão e, efetivamente, fica bastante mais difícil pra Febrapsi (IPA) tocar isso pra frente, se todas as outras entidades psicanalíticas do Brasil não estão de acordo em se submeterem a essa proposta, percebe? E também não foi só a Febrapsi (IPA), eu lembro de outras Escolas que tentaram se pronunciar com um projeto de regulação e foram brecadas. É interessante porque é uma reunião que congrega expoentes das várias Escolas, entende? Ou seja, é uma reunião onde não tem lugar pra cacique. Inclusive, pessoas que a gente sabe que são “caciques” nas suas Escolas (risos), quando chegam na Articulação, têm uma outra postura, porque não tem espaço pra cacique se criar lá dentro. E isso é muito legal. Isso dá a esse Movimento uma potência extremamente interessante e formadora. Acho que o Movimento Articulação acaba sendo um lugar de formação, num sentido bem amplo. Uma formação que tange tanto o âmbito da psicanálise quanto de um outro modo de se fazer política.

Gustavo Soares – Isso que tu estás dizendo é perfeito. Quando eu entrei, levei alguns anos para entender a dinâmica da reunião. E, aos poucos, a gente vai percebendo como funciona. É um aprendizado muito grande quando a gente chega. Tem um funcionamento eminentemente democrático, uma coisa fantástica.

Denise Maurano - Essa laicidade da psicanálise é tão radical que, se a gente não tomar isso ao pé da letra, se a gente não assumir isso com todo o bônus e o ônus que isso carrega, a gente descarrilha fa-

cilmente, a gente cede a uma série de injunções burocráticas e perde completamente o rumo da história... É o tal negócio, por mais que seja absolutamente fecundo e fundamental que a psicanálise dialogue com todos os campos de saber, ela se submeter a qualquer um deles teria o preço de perder o seu norte... Então, esse lugar êxtimo, usando aí o neologismo de Lacan, esse lugar exterior e íntimo que é o nosso, tem que ser mantido como o nosso bastião, até onde a gente puder, não tem porque a gente recuar, enfim, entregar a batalha antes da hora.

Eu, sinceramente, acho que de tantas coisas que a pandemia trouxe, nisso ela nos favoreceu, no sentido dessa difusão de trabalhos. Se antes, os psicanalistas mais engajados, os psicanalistas mais comprometidos, vinham pouco, vinham bem menos à internet, hoje em dia o número de bons analistas que vêm à internet, o número de bons seminários, de boas videoconferências que a gente vê na internet, é infinitamente maior do que havia antes. Antes, em sua maioria, os cursos na internet raramente eram de qualidade... Eram “trambiescolas”, “trambicursos”, regidos pela lei do menor esforço. Agora, se você me perguntar se eu gostaria, nos meus sonhos, que o campo da psicanálise fosse assegurado pela lei e que não entrasse trambiqueiro, não entrasse charlatão, eu adoraria... Mas o problema é que essa ilusão de garantia é mesmo uma ilusão.

A gente tem aí uma margem de proteção muito escassa, a nossa proteção é a nossa própria formação. Nem nós mesmos somos constituídos psicanalistas de uma vez para sempre... Eu estou sempre escoregando da cadeira, “ai Cassilda, foi mal, volta, volta”, você se vê quantas vezes tomado por alguma coisa que “êpa!”... Então, ocupar essa função é um exercício, daí a necessidade de uma formação permanente. Há quanto tempo vocês estão estudando? Há quanto tempo a gente está nisto? Concluiu? Não concluímos. Quer rigor maior do que esse? Vão ser cinco anos de faculdade, quatro anos, dez anos que vão garantir isso? Coisa nenhuma! A gente está aí há vinte, trinta anos, estudando, aprendendo, fazendo curso, enfim, é esta a fecundi-

dade, é este o rigor do nosso trabalho. E isto supera qualquer protocolo de cumpra-se isto e aquilo e certifica-se um analista. Não estamos jamais certificados, estamos sim nesta operação o tempo todo, a cada sessão, a cada analisante...

Se a pessoa quer um caminho mais fácil, não vem para a psicanálise, vai para outra coisa, vai ser *coaching*, vai buscar coisas que tenham regras claras a serem seguidas, manuais precisos, verdades indubitáveis. A gente trabalha com esta dimensão da radical singularidade de cada um, que implica uma investigação que vai ter, na sua condução, uma radical situação de singularidade também. Mas isso que você falou do que se passa no Movimento é o que eu chamo de uma transferência de trabalho que foi-se dando ao longo do tempo. E eu digo mais: está para sair em uma revista da Appoa um texto que escrevemos, a Rosane Ramalho, a Bárbara Conte e eu, sobre o Movimento, e uma das coisas que a gente colocou lá é que esse Movimento já passou por muitas etapas. E a coisa mais fecunda que aconteceu ao longo desse tempo todo foi justamente essa possibilidade de as Escolas interagirem de algum modo, nessa tentativa de criar uma via de acordo para que a gente possa esclarecer, o máximo que puder, para o grande público, o que é isto que a gente faz, o que nos orienta, com o que estamos comprometidos...

Gustavo Soares - Denise, eu gostaria de te escutar um pouco sobre esta questão do evangélico, do interesse pela psicanálise no sentido de tomá-la para si, que é o que a gente tem visto. E tem esta colocação que tu fizeste de como é que este governo foi-se montando e as coisas vão acontecendo, eu acho que vai para além do capital no sentido financeiro... Parece que tem um outro projeto de uma sociedade que é complicado... Eu queria mais era te escutar sobre isso.

Denise Maurano - Gustavo, acho que sem dúvida a questão do capital está aí, o neoliberalismo, a questão do dinheiro vira um mote,

mas não é só isso. A gente sabe que tem aí um projeto de um certo “falso purismo”, uma purificação da sociedade e, se eles podem abarcar a psicanálise para demolir todas as suas tentações, é um prato cheio. Tanto que na primeira proposta do Eber Silva tinha lá uns itens que falavam, por exemplo, da diferença entre como você reconhecia se a pessoa estava tendo um surto psicótico ou se ela estava tomada pelo demônio. Como se reconhecia se uma mulher que tinha traído o marido indicava algo de uma patologia ou se ela estava tomada pelo demônio. Então, uma técnica que eles aconselhavam no tratamento deles era mostrar a cruz. Se ela se horrorizasse com a cruz, era porque ela estava tomada pelo demônio; se ela não se horrorizasse com a cruz então era, enfim...

Gente, a psicanálise é pestilenta! Nós trabalhamos na contracorrente. E se ela não for pestilenta, por mais que ganhe espaço social, se ela não for um espaço de questionamento, se ela não for a perturbação das verdades estabelecidas, aí é porque o projeto psicanalítico micou. A hora que a psicanálise estiver absolutamente bem aceita é porque a gente está fazendo alguma coisa errada. E isso porque a psicanálise perturba até a nós mesmos, ou seja, a gente está o tempo inteiro em contato com isso que pode não ser. Se não for assim, se as coisas virarem manuais de boa conduta ou de bom procedimento ou de boas intervenções, aí a psicanálise foi para o saco.

Aquilo que esses projetos colocam em cena, você tem toda a razão, não é apenas a abertura de um nicho de mercado para funcionar sempre acoplado nas igrejas, atendendo essa população que vai até eles, mas é também um projeto de desvirtuamento de toda essa perspectiva que a psicanálise coloca em cena e que traz à luz tudo aquilo sobre o que a gente não quer saber. A gente não quer saber da sexualidade infantil, a gente não quer saber da pressão do sexual, a gente não quer saber que as verdades são não-todas, a gente não quer saber que entre o sexo e a sexualidade existe um abismo, a gente não quer saber de um monte de coisas. E a perspectiva religiosa é sempre uma perspectiva

que tenta estabelecer verdades. Por isso que não dá para misturar uma coisa com a outra. O que não quer dizer que um psicanalista não possa ter lá no âmbito da sua intimidade sua religiosidade e professá-la do jeito que ele quiser. São coisas diferentes. Se ele conseguir distinguir as coisas, mantendo a psicanálise nesse patamar de laicidade, ótimo, perfeito.

E uma coisa que a gente já viu no Corpo Freudiano é que, às vezes, pessoas que chegam dessas escolas 'evangélicas', como, por exemplo da SPOB, Sociedade Psicanálise Ortodoxa do Brasil, pessoas que entraram na psicanálise por esta porta, chegam lá e começam a ver que a coisa é outra, então, muitas vezes, elas tomam outros rumos. Ótimo! Então, a questão não é fechar portas, mas é a gente ficar muito atento para que a psicanálise possa se manter com essa função social, cultural, sanitária (risos), de uma colaboração que foge, em muito, daquilo que seria o padrão, daquilo que seria o padronizado, a certeza absoluta. Nós não estamos nisso.

Isso exige de nós um trabalho permanente e exige da psicanálise essa posição êxtima, essa posição incomum, o tempo todo. Ela é essa peste, isso que atrai e ao mesmo tempo indica aquilo sobre o que a gente não quer saber ou sobre o que é muito difícil saber, difícil de engolir. Porque a gente gostaria muito que o mundo fosse ideal, mas só nos resta cair na real e perceber que entre o ideal e o real tem um abismo. Aí o jeito é cair amortecendo a queda. Mas não tem outra saída, não. A psicanálise é uma convocação à queda na real, e a religião, não. A religião aponta outro conforto. Ótimo. Para vivermos, a gente precisa de muitas coisas, mas é bom que cada coisa esteja no seu lugar, sem desmerecer nada.

Gustavo Soares - Isso que tu comentaste agora me levou a pensar que é um modelo científico, mas não é o modelo científico daquele de busca da verdade do positivismo. Esse é o modelo científico da complexidade. Então não se pode dizer que a psicanálise não é científica.

Denise Maurano - De jeito nenhum!

Gustavo Soares - Nós podemos dizer que não é científica de um outro lugar, quando se quer uma verdade absoluta. Ela é da complexidade, nesse sentido, não positivista, e chame como a gente quiser...

Denise Maurano - Exatamente, há muito tempo a ciência deixou de se restringir ao positivismo. Então, todos aqueles que apelam ao positivismo ainda estão num retrocesso da história. O rigor científico está andando por outros caminhos. A física quântica mostra isso. A física quântica é despojada de rigor científico? Absolutamente! Mas isso é um pensamento mais de ponta, um pensamento mais avançado. Por aí que a gente deve se orientar mesmo.

Margarida Ribeiro Lima - Denise, vamos te agradecer demais, as tuas palavras são valiosas para nós para podermos recolocar a questão do Articulação para os colegas dentro da nossa instituição. Tu nos deixaste um gostinho de “quero mais”. Sorte que vamos ter outra oportunidade em breve de te rever (na Jornada).

Denise Maurano - Está ótimo! Eu que agradeço a oportunidade. Super-agradável esse bate-papo aqui, muito bom estar com vocês. A gente se sente com aliados nessa luta, que é a nossa pela Psicanálise, por essa causa que a gente abraçou. Fico muito contente de estar com vocês, de saber que vocês têm interesse nisso e de saber que a coisa está sendo tocada de uma maneira tão bacana aí no CEP.

Grupo - (Agradecimentos de todos os demais).